

Tolerância e intolerância sob a perspectiva espírita kardecista

Sebastião Antunes Ribeiro Filho¹

RESUMO

O que este artigo traz é a verificação da existência de tolerância e de intolerância em centros espíritas kardecistas da cidade de São Paulo. O recorte da pesquisa foi realizado em três centros espíritas localizados na zona sul da cidade e filiados à Aliança Espírita Evangélica, instituição coordenadora e orientadora de centros espíritas. Em princípio, a expectativa era de verificar essas tolerâncias e intolerâncias dos frequentadores em relação a outras religiões, mas o resultado expressivo da pesquisa mostrou outra realidade. Ainda que seja perceptível ambas as situações que se buscava, o que mais vicejou, de maneira recorrente, foi o preconceito entre os colaboradores, nas atividades espirituais. Vários foram os motivos apresentados pelos entrevistados, notadamente com relação às posturas disciplinares dos companheiros de trabalho e às manifestações de discriminação contra o uso de símbolos e da participação de representantes espirituais de outras religiões de transe e possessão, notadamente as de raiz africana. Se o preconceito é a situação que opera como precursora da intolerância, essas situações, muitas vezes se apresentaram já instaladas no decorrer das sessões espíritas. Inerentes ao ser humano, tolerância e intolerância, não se contrapõem, mas se imbricam, fazendo-se presentes nos locais objetos da pesquisa. Cabe, entretanto, aos espíritas kardecistas verificarem quais demandas devem ser utilizadas para harmonizar essas situações.

ABSTRACT

This article brings the verification of the existence of tolerance and intolerance in Kardecist spiritist centers in the city of São Paulo. The research was carried out in three spiritist centers located in the south of the city and affiliated to the Aliança Espírita Evangélica (Evangelical Spiritist Alliance) – a coordinating and guiding institution of spiritist centers. In principle, the expectation was to verify the tolerances and intolerances of the regular visitors in relation to other religions, but the expressive result of the research showed another reality. Even though it is noticeable both situations, what most showed up in a recurring way was the prejudice among collaborators during spiritual activities. Several were the reasons presented by those interviewed, notably with regard to disciplinary attitudes of fellow workers and manifestations of discrimination against the use of symbols, and the participation of spiritual representatives of other trance and possession religions, notably those of African root. If prejudice is the situation that acts as precursor of intolerance, these situations have often appeared already installed in the course of Spiritist sessions. Inherent to the human being, tolerance and intolerance do not oppose each other, but are interwoven, becoming present in the places of this research. It is, however, for the Kardecist spiritists to verify which demands should be used to harmonize these situations.

¹ Mestre em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades pela FFLCH–USP.

“A intolerância religiosa, por sua vez, está entre as formas de preconceito mais violentas, pois fere o homem no seu aspecto mais profundo ao rejeitar sua concepção ontológica, gerando reações muitas vezes imprevisíveis. Nestes casos, as religiões podem deixar de ser ‘caminhos para o céu’ para se tornarem verdadeiros ‘atalhos para o inferno’...”

Rita Amaral (1958-2011)

Introdução

Esse trabalho ampara-se na dissertação de mestrado realizada pelo autor e apresentada em 2018, ao Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos - DIVERSITAS, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). O campo de atuação foram os centros espíritas e, dentro destes, as salas onde ocorrem as sessões espíritas.

Tolerância e intolerância

A tolerância e a intolerância são condutas e situações individuais ou coletivas que fazem parte da atividade social. Seja étnica, sexual, classe, condição econômica, cultural, regional ou religiosa, inúmeras situações de intolerância são registradas e noticiadas pelos meios de comunicação, ou testemunhadas pessoalmente pelos indivíduos da e na sociedade. A intolerância religiosa é bastante comum no cotidiano brasileiro, muito provavelmente pela diversidade religiosa existente no país. Levantamento realizado pelo Ministério dos Direitos Humanos entre janeiro de 2015 e o primeiro semestre de 2017, aponta que, no Brasil, uma denúncia de intolerância religiosa acontece a cada 15 horas. Mas é possível que casos de convivência religiosa harmoniosa entre fiéis de diferentes correntes religiosas também possam existir e essas situações não sejam veiculadas pela grande mídia.

A etimologia da palavra “tolerância”, [do Latim *tolerantia*], segundo o Dicionário Aurélio, é uma *qualidade* de quem é tolerante, ou ainda, o ato ou efeito de tolerar, delineando-se como “tendência a admitir modos de pensar, de agir e de sentir que diferem dos de um indivíduo ou de grupos determinados, políticos ou religiosos”. (Ferreira, 1986) Essa acepção exige ainda o entendimento que a ela é conferido sob a perspectiva das ciências sociais.

José Sérgio Carvalho afirma que “a noção de tolerância, inicialmente vinculada ao plano da tolerância religiosa, constituiu a base em torno da qual se edificaram os ideais do pensamento liberal moderno.” (Carvalho, s/data). Vagner Gonçalves da Silva, traz Rita Amaral

afirmando que “a história da humanidade é, também, a história da sua inabilidade para conviver com outro, com o diferente. Os preconceitos que geram a intolerância nutrem-se de alimentos abundantes como o desconhecimento, o desrespeito e a indiferença”. (Silva, 2007)

Em “Crítica da Tolerância Pura”, Robert Wolff afirma que a tolerância é a virtude da democracia moderna, assim como a virtude da faca é o gume e, no cavalo a virtude está nas patas, “do mesmo modo, as virtudes cardeais da sabedoria, coragem, temperança e justiça, são as excelências da alma que permitem ao homem desempenhar o papel que dele se espera, isto é, viver”. Barrington Moore Jr. analisa a tolerância sob o ponto de vista secular e científico, por que, para ele, essa perspectiva não produz a aceitação do mundo como o conhecemos, nem a tolerância diluída de todas as doutrinas e nem a fanática obstinação doutrinária e, cientificamente que “tudo aquilo que for provado por raciocínio válido e pela prova pode pertencer à ciência. Intuições da literatura e filosofia tornam-se parte da ciência logo que são provadas.” Herbert Marcuse afirma que “a realização do objetivo da tolerância exige a intolerância em relação às políticas, atitudes e opiniões predominantes, e a aceitação tolerante das políticas, atitudes e opiniões reprimidas e postas fora da lei.” (Wolff, Moore Jr & Marcuse, 1970)

Se o *telos* da tolerância é a verdade – ainda que em certo sentido a verdade limite a liberdade, pois que a define –, os porta-vozes da tolerância, historicamente, tinham em suas mentes mais verdades que a teoria acadêmica e a lógica proposicional. A tolerância exige a audição de todos os pontos de vista, sejam quais forem e, requer espaço igual ao que é dado à quaisquer opiniões, sejam elas estúpidas ou inteligentes, sensatas ou insensatas, posto que a verdade não é privilégio exclusivo de ninguém e tampouco alguém pode subsumir que tenha a certeza do que é certo ou errado, ou do que seja a noção de bom ou de mau. Como se percebe, o emaranhado cipal das tentativas de definição está longe de ser desenrolado. Ficamos com o entendimento de Rita Amaral (Silva, 2007) que afirma ser a intolerância gerada pelos preconceitos nutridos pelo desconhecimento, pelo desrespeito e pela indiferença. Neste artigo, intolerância e preconceito estão em sinonímia, posto que um se alimenta do outro. Intolerância e preconceitos, em qualquer nível, representam as mesmas coisas.

Espiritismo kardecista

Tentar fixar uma data para as primeiras notícias de aparições de uma força inteligente e exterior com maior ou menor elevação moral ou intelectual, interagindo sobre as relações humanas é uma caminhada árdua e provavelmente utópica. Do “*daemon*” socrático, a quem o filósofo ateniense atribuía suas atitudes a permanecer no bem, à *A História do Espiritismo*

(Doyle, 1926) foram mais de dois mil anos. Embora Doyle prefira afirmar como data inicial do espiritismo o ano de 1759, tanto Reginaldo Prandi (2012), quanto Célia Graça Arribas (2010) escolheram como marco inicial do espiritismo o dia 31/03/1848 devido aos fatos ocorridos com a família Fox em Hydesville, nos Estados Unidos. Para os espíritas kardecistas, seguidores de Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, pedagogo francês, o espiritismo surge em 1857, com o lançamento de O Livro dos Espíritos, que foi reeditado com revisões e acréscimos em 1861, permanecendo inalterado até os dias de hoje. Esse livro é acompanhado de mais quatro livros que formam o pentateuco espírita. O espiritismo surge como filosofia espiritualista.

Além dos livros doutrinários, vários autores se dedicaram a escrever sobre o espiritismo kardecista tanto complementando a obra, quanto analisando ou criticando. Destacaram-se autores como Leon Denis, Herculano Pires, Salvador Gentile, Célia Graça Arribas, Marion Aubrée, Adriana Gomes, Francisco Cândido Xavier, Valdo Vieira, Divaldo Pereira Franco e tantos outros. Assim, não caberia aqui explicitar o que já está disponível em outras obras de maior importância que este. A chegada do espiritismo no Brasil, a sua disseminação e legitimação inicia-se em 1865 na Bahia e o seu total reconhecimento enquanto religião só irá ocorrer no Censo de 2010, quando o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística distingue o espiritismo kardecista em sua pesquisa, das demais religiões chamadas espiritualistas. Essa legitimação envolveu trabalho e empenho por parte dos espíritas interessados no reconhecimento dessa doutrina como religião cristã.

A plurirreligiosidade brasileira

Expressiva parcela da população brasileira declara ser adepta de mais de uma religião. Lísias Negrão analisa as vinculações e “suas afinidades com uma ou mais tradições religiosas mediante a partilha de suas crenças e adoção de suas práticas” (Negrão, 2009), detectando a existência de um trânsito permanente e/ou alternado de fiéis – que ele denomina “mutantes” – entre as diversas religiões e, dentre as inúmeras variantes possíveis, Negrão se detém sobre os “dúpliques” católicos-espíritas, católicos-protestantes, católicos/afro-brasileiros.

O centro espírita

Na organização de um centro espírita há uma hierarquia não sacerdotal, mas de poder – mediúnica e moral – e cooperativa, onde as funções são definidas no nível operacional. Subordinam-se a uma entidade espiritual, sob a responsabilidade de quem se encontra o funcionamento pelo centro espírita, a partir do plano espiritual. Esse espírito recebe a

denominação de “mentor”, sendo quase sempre um vulto de destaque pelos seus feitos, testemunhos e abnegação em favor do próximo, numa espécie de homenagem.

Diversos departamentos são instituídos para a execução das práticas espíritas: doutrinação, orientação mediúnica, assistência espiritual, divulgação, ensino, assistência social. Quase sempre as reuniões abertas ao público são as de divulgação doutrinária, evangelização, ensino mediúnico, desobsessão e, as mais comuns, as sessões de passes. Os passes são o tipo de tratamento terapêutico espiritual oferecido em quase todas as casas espíritas. Através da imposição de mãos sobre o frequentador, “fluídos curativos” são transmitidos para o assistido, através de uma sequência própria e repetidos semanalmente durante o tempo que esse “tratamento” se faça necessário. Se, tecnicamente o passe é uma transmissão mental de energias humanas animalizadas e espirituais, essa atividade não pode ser vista apenas na sua mecanicidade. Suely Caldas Schubert afirma que o passe é um ato de amor. (Schubert, 2015)

Ambiente de prática

O ambiente deve ser preparado antes do início dos trabalhos e envolve rituais de procedimento que devem ser rigorosamente observados. União, concentração, preces e invocações metodicamente formuladas são utilizadas para receber a presença e o apoio da espiritualidade que dirigirá as sessões. Essas ações possibilitam a formação e manutenção de um ambiente propício para a aplicação dos passes. Os ritos preparatórios não permitem a presença e observação de pessoas estranhas ao círculo de colaboradores da instituição. Para participar desses momentos é necessário a realização de cursos oferecidos pela instituição e de convite da diretoria do centro espírita. Após a preparação ou harmonização da sala, é realizada a aplicação dos passes nas pessoas que se apresentaram no centro. Concluídas as aplicações dos passes, novamente são realizados preces e agradecimentos, a partir dos quais, as atividades do grupo são encerradas.

Pesquisa

Foram pesquisadas 39 pessoas em três centros espíritas da zona sul de São Paulo, das quais destacamos os seguintes resultados:

- a) 87% declararam frequentar apenas o espiritismo.
- b) 55% declararam serem oriundos do catolicismo.
- c) 66% declararam serem tolerantes para com outras religiões.
- d) As religiões pentecostais foram as mais rejeitadas.
- e) Em segundo lugar na rejeição estão as religiões de matriz africana.

Entrevistas

As entrevistas com alguns dos sujeitos das pesquisas (escolhidos aleatoriamente) foram realizadas nos mais diversos locais de acordo com a disponibilidade do entrevistado e não obedeceu a um roteiro propriamente dito, mas orientou o entrevistado a falar sobre sua vida religiosa. Do material obtido foi possível apreender diversas situações de tolerância e de intolerância, tanto nos locais de prática espírita, quanto no cotidiano das pessoas. Não há aqui a pretensão de que esses relatos sejam o panorama fiel do universo espírita kardecista, mas uma perspectiva percebida, durante as entrevistas.

Algumas observações

Após a realização das entrevistas é possível postular a existência tanto de intolerâncias quanto de tolerâncias religiosas nos centros espíritas kardecistas. Encontram-se intolerâncias dos espíritas para com outras religiões e o relato de intolerância de fiéis de outras religiões para com os espíritas. Tanto no âmbito das relações familiares quanto no âmbito das relações sociais. Foi possível também perceber, por parte de alguns, a empatia – o que pode ser entendida também como tolerância – com religiões cristãs (católicas e evangélicas) e com o Budismo. A rejeição maior dos espíritas foi para com as religiões pentecostais e neopentecostais. Segundo alguns, “a exclusividade do caminho para os céus”, declarado por estes últimos, foi fator mais contundente como móvel da intolerância.

A Umbanda ocupa uma situação ambígua: recebe a tolerância de uns e a intolerância de outros. Alguns declararam preconceitos contra as entidades espirituais integrantes da Umbanda, que se apresentam nas atividades dos centros espíritas kardecistas, e ainda a forma dos seus rituais, onde ocorrem o sacrifício de animais. O uso do tabaco e de alcoólicos chega a ser declarado como motivos de intolerância por outros colaboradores. Para outros, o atrativo principal dessa religião são os rituais. A tecnicidade e a padronização dos movimentos físicos, quando da aplicação dos passes, orientadas e exigidas à exaustão, também foram motivos de críticas.

Creio ser possível então concordar com Marcuse quando ele afirma que a tolerância, para existir, deve estar sujeita a critérios indisputáveis, ou seja, a sociedade não pode estabelecer seus limites e o seu alcance. Ela só terá valor se não estiver condicionada pela sociedade que a pratica, mas extrapolar os seus limites, “em outras palavras, a tolerância é um fim em si mesma apenas quando realmente universal, praticada tanto por governantes quanto por governados, pelos senhores e pelos condenados, pelos delegados de polícia e por suas vítimas”. (Wolff, Moore Jr & Marcuse, 1970). E acrescento: pelos religiosos também.

Referências

- ARRIBAS, Célia Graça. *Afinal, espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira*. São Paulo: Alameda, 2010.
- AUBRÉE, Marion, & LAPLANTINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento espírita entre França e Brasil*. Maceió: EDUFAL, 2009.
- CARVALHO, José Sérgio. Palestra proferida na FEUSP, s/data.
- DOYLE, Arthur Conan. *A História do Espiritismo* (1926). São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2013.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GOMES, Adriana. *Entre a fé e a polícia: o espiritismo no Rio de Janeiro (1890-1909)*. Teses. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Rio de Janeiro: UERJ, 2013.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. (1857) Trad. J. Herculano Pires. São Paulo. LAKE, 2010.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Novas tramas do sagrado: Trajetórias e Multiplicidades*. São Paulo: EDUSP/ FAPESP, 2009.
- PRANDI, Reginaldo. *Os mortos e os vivos: uma introdução ao espiritismo*. São Paulo: Três Fronteiras, 2012.
- RIBEIRO FILHO, Sebastião Antunes. *Tolerância e Intolerância Religiosa: sua percepção e vivência em espaços e práticas do espiritismo kardecista*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo. USP, 2018.
- SCHUBERT, Suely Caldas. *Dimensões Espirituais do centro espírita*. Brasília: FEB, 2015.
- SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). *Intolerância religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-brasileiro*. Ari Pedro Oro...et all. São Paulo: EDUSP, 2007.
- WANTUIL, Zêus. *Grandes Espíritas do Brasil*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: FEB, 1969.
- WOLFF, Robert Paul; MOORE JR., Barrington & MARCUSE, Herbert. *Crítica da Tolerância Pura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.